



Entre a Lua e a guerra: paradoxo do homem

A humanidade vive, talvez, o seu momento mais paradoxal. Nunca fomos tão capazes de avançar, e nunca estivemos tão expostos à nossa própria capacidade de retroceder. De um lado, a ciência rompe fronteiras que, até pouco tempo atrás, pertenciam apenas ao campo da imaginação. A recente missão Artemis, que recoloca a humanidade na órbita da Lua, não é apenas um feito tecnológico: é um símbolo. Representa a retomada de um sonho interrompido desde a época do Apollo 11, inaugura uma nova etapa: a possibilidade concreta de estabelecer presença humana permanente fora da Terra.

Hoje, já se fala com seriedade sobre bases lunares, exploração de recursos, identificação de água em estado sólido e, mais do que isso, sobre a preparação para missões tripuladas a Marte. A humanidade olha para o céu não mais como limite, mas como destino. A tecnologia, a engenharia e o conhecimento acumulado nos colocam diante de uma fronteira inédita: a de nos tornarmos uma espécie multiplanetária.

Mas é justamente nesse ponto que o contraste se torna inevitável.

Enquanto desenvolvemos tecnologias capazes de nos levar a outros mundos, seguimos incapazes de resolver conflitos neste. Em pleno século XXI, ainda convivemos com guerras devastadoras, como a Rússia - Ucrânia que expõe ao mundo imagens que lembram os períodos mais sombrios da história recente. Mais recentemente, tensões envolvendo o Irã reacendem o temor de novos conflitos de larga escala, mostrando que a lógica da destruição ainda ocupa espaço relevante nas decisões humanas.

Esse é o paradoxo central: a mesma humanidade que domina a física necessária para sair da Terra ainda não domina, plenamente, os impulsos que a levam a destruir o próprio semelhante. Somos capazes de construir foguetes reutilizáveis, desenvolver inteligência artificial, mapear o genoma humano — mas ainda falhamos em estabelecer consensos mínimos que garantam paz duradoura.

A contradição não é apenas moral; ela é estratégica. Cada conflito armado representa não apenas vidas perdidas, mas também recursos desviados. Recursos que poderiam estar financiando educação, inovação, saúde ou, até mesmo, a própria exploração espacial. Em vez disso, são consumidos em disputas que, na maioria das vezes, têm raízes em interesses geopolíticos, econômicos ou ideológicos que poderiam ser resolvidos por meio do diálogo.

Mais do que isso: guerras atrasam a humanidade como um todo. Elas interrompem cadeias produtivas, destroem infraestrutura, desorganizam sociedades e criam gerações marcadas por traumas. Em um mundo interconectado, os efeitos de um conflito não ficam restritos às suas fronteiras; eles impactam economias, elevam preços, geram instabilidade global.

É como se estivéssemos, ao mesmo tempo, construindo o futuro e sabotando o presente.

A história mostra que os maiores saltos civilizatórios ocorrem em ambientes de relativa estabilidade e cooperação.

O próprio avanço científico que hoje nos permite sonhar com Marte é fruto de décadas de investimento contínuo, colaboração internacional e previsibilidade institucional. Não há inovação sustentável em meio ao caos permanente.

Por isso, o verdadeiro desafio da humanidade talvez não seja tecnológico, mas civilizatório. Não está apenas em chegar à Lua ou a Marte, mas em sermos capazes de criar as condições políticas, sociais e culturais para que esses avanços façam sentido coletivo.

Explorar o espaço é, sem dúvida, uma das maiores expressões da nossa capacidade. Mas garantir a paz é a maior prova da nossa maturidade.

Se conseguirmos alinhar essas duas dimensões, o avanço científico e a evolução humana, estaremos, de fato, prontos para dar o próximo passo. Caso contrário, corremos o risco de levar para outros planetas os mesmos conflitos que ainda não conseguimos resolver aqui.

O futuro da humanidade não depende apenas de até onde podemos chegar, mas, principalmente, de como escolhemos conviver enquanto caminhamos.

Paulo Serra é especialista em gestão pública, professor universitário, presidente estadual do PSDB e foi prefeito de Santo André de 2017 a 2024.

DIÁRIO DO GRANDE ABC
Filiado à APJ
DIRETOR DE REDAÇÃO: Eivaldo Novellini - 4435-8375
DIRETOR ADJUNTO DE REDAÇÃO: Nilton Valentim - 4435-8320

CHEFE DE REDAÇÃO: Angelo Verotti - Fone: 4435-8321
PALAVRA DO LECTOR: Fone: 4435-8321

Senadores paulistas só enviarão R\$ 200 mil em 8 anos para São Caetano

Prefeito da cidade, Tite Campanella, criticou atuação política dos representantes de São Paulo na Câmara Alta e foi expulso do PL

ANGELICA RICHTER
angelicarichter@dgabc.com.br

Levantamento realizado no Portal da Transparência do governo federal revela a baixa destinação de emendas parlamentares da bancada paulista do Senado para São Caetano. Desde 2018, apenas R\$ 200 mil foram encaminhados diretamente ao município. O exíguo envio de recursos para a cidade e aos demais municípios do Grande ABC ganhou repercussão na última semana, após a expulsão do prefeito Tite Campanella dos quadros do PL.

A decisão foi tomada pelo diretório estadual da legenda, presidido por Tadeu Candelária, após manifestação do senador Astronauta Marcos Pontes, que não gostou das críticas do ex-correligionário sobre a atuação dos representantes paulistas na chamada Câmara Alta.

Entretanto, os dados revelam que Marcos Pontes destinou R\$ 1 milhão no período, mas o recurso foi direcionado à GM (General Motors do Brasil) — cuja fábrica fica em São Caetano —, sem vínculo direto com políticas públicas municipais. A escolha da empresa como destinatária levanta questionamentos sobre o impacto efetivo da emenda para a cidade.

Embora legal, a destinação para uma empresa privada

não se traduz, necessariamente, em benefícios diretos e imediatos para os serviços públicos ou à população da cidade.

Além de Pontes, completam a bancada paulista no Senado Mara Gabrielli (PSD) e Alexandre Luiz Giordano (Podemos). A pessidista, que já informou que não concorrerá à reeleição em outubro, direcionou R\$ 200 mil ao FMAS (Fundo Municipal de Assistência Social), mecanismo que permite aplicação direta em políticas públicas voltadas à população. Por sua vez, Giordano não apresentou registros de envio de recursos ao município no período analisado.

EXPULSÃO

A crise política que culminou na expulsão de Tite Campanella do PL teve como pano de fundo críticas à baixa destinação de recursos pela bancada paulista no Senado. As declarações foram feitas pelo prefeito durante a cerimônia de entrega do título de Cidadão São-Caetanense ao ex-secretário estadual de Segurança deputado federal Guilherme Derrite (Progressistas), que é pré-candidato ao Senado.

“São Paulo é o Estado mais importante do País e tem a pior representatividade do Senado e da União. Temos três senadores que não correspondem ao que Esta-

do espera deles”, afirmou Tite durante a agenda.

Após a expulsão, a cúpula do PL em São Caetano anunciou renúncia coletiva, aprofundando o desgaste interno da sigla no município. Ao ser questionado na época sobre a expulsão, o prefeito criticou a condução da decisão. “Opiniões divergentes são a base da formação partidária e da democracia. Não retiro nada do que disse sobre a baixa qualidade da representatividade do Estado de São Paulo no Senado”, declarou.

O prefeito de São Caetano, que sugeriu que seu desligamento sem direito a defesa foi “encomendado”, já recebeu convites de diversas lideranças partidárias para migrar a uma nova sigla. O governador Tarcísio de Freitas colocou o Republicanos à disposição do ex-liberal.

A movimentação também encontrou respaldo em lideranças regionais. O prefeito de Santo André, Gilvan Ferreira, convidou Tite para ingressar na Cidadania e o de São Bernardo, Marcelo Lima, que assumiu a presidência estadual do Podemos, colocou a sigla como alternativa para eventual filiação. Progressistas e Novo também fizeram convites ao prefeito, que tende mais ao Republicanos.



Denis Maciel 25-03-25

TITE. Declarações que culminaram em sua expulsão foram feitas em agenda com Derrite na cidade

PUBLICIDADE LEGAL
Editais Forenses
Serviço Funerário de Santo André
Saiba tudo o que acontece na sua cidade, no seu bairro, no país e no mundo.

empregos & oportunidades
SERVIÇOS
Para anunciar, ligue:
4435-8159
4435-8000
NOME SUJO REGULARIZO EM 5 DIAS
CAPITAL DE GIRO DE R\$ 20M A R\$60MIL
(11) 98551-0461

DIÁRIO DO GRANDE ABC
Filiado à APJ
DIRETOR DE REDAÇÃO: Eivaldo Novellini - 4435-8375
DIRETOR ADJUNTO DE REDAÇÃO: Nilton Valentim - 4435-8320
POLÍTICA: Angelica Richter - Fone: 4435-8364
ECONOMIA: Fabio Saraiva - 4435-8301
NÚCLEO DIGITAL: Renata Soares - Fone: 4435-8331
DIÁRIO DO GRANDE ABC: Sete cidades, um só jornal